

BHAKTI YOGA O CAMINHO DA DEVOÇÃO¹

Swami Paratparananda²

Buenos Aires, 4 e 18 de agosto de 1971

I

Amigos,

Uma das mais brilhantes declarações da religião da Vedanta, que é comumente reconhecida como Hinduísmo e que chama a atenção de qualquer um, é a de que todos os caminhos são igualmente eficazes em conduzir o homem para Deus se o segue com sinceridade e constância. Nenhum caminho é inferior ou superior a outro, mas cada um de nós deve escolher seu caminho segundo seu temperamento, sua inclinação, sem menosprezar ou criticar o caminho do outro. Deus criou todos os caminhos para que Seus filhos possam chegar a Ele. Sri Ramakrishna dizia com relação a isso, “A mãe prepara para seus filhos diferentes pratos do mesmo peixe. Para um deles ela lhe dá frito, para outro, fervido e para o terceiro lhe dá apenas a sopa feita do peixe, segundo a capacidade de digestão de cada um. Assim nutre aos seus filhos”. Do mesmo modo Deus mostrou distintos caminhos para chegar a Ele, o caminho da devoção, do conhecimento, do *Karma*, etc. Assim como entre crianças que não fazem caso de sua mãe e pedem coisas que não podem digerir e em seguida sofrem, assim também há pessoas que sem serem aptas para seguir um caminho árduo como o do conhecimento, tratam de fazê-lo e como resultado de que sua ideia de Deus, do Ser, etc., se torna confusa e não podem progredir na espiritualidade. O caminho para unir-se com Deus através da devoção se chama em sânscrito *Bhakti Yoga*. É o caminho mais apropriado para esta época, disse Sri Ramakrishna. Por que? Pois em outros caminhos existem dificuldades às vezes insuperáveis para as pessoas comuns. Por exemplo, no *Karma Yoga* que

¹ Este texto foi traduzido e editado do áudio da palestra em questão (duas partes), que está disponível no original em espanhol em: <https://estudantedavedanta.net/parataudio.html>.

² Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

acabamos de estudar³ por mais que se queira fazer o bem aos demais, sem algum motivo ou sem prender-se ao trabalho, a mente inconscientemente busca sempre uma recompensa de algum modo e se desvia. Na prática do *Raja Yoga* existem perigos ocultos; para começar a própria prática deste *yoga* é difícil, pois este *yoga* exige que o aspirante leve uma vida controlada desde o início com relação a sua comida, bebida, sono e coisas desta natureza. Em seguida, à medida que o aspirante avança neste caminho adquire alguns poderes sobrenaturais, desfrutando dos quais ele se perde se não está alerta para não cair em suas armadilhas. E o caminho do Conhecimento está aberto só para uns poucos que se negam por completo todo o prazer e consideram todas as coisas do mundo, até seus próprios corpos como impermanentes, transitórios. No entanto o *Bhakti Yoga* não insiste em tais coisas, unicamente pede que dirigimos todas nossas emoções a Deus. *Bhakti*, ou devoção, segundo os grandes mestres desta escola de filosofia, constitui a forma superior do amor por Deus. Na realidade esta é a etapa mais elevada de *Bhakti*, a culminação do amor Divino que se chama também *Para-Bhakti* em sânscrito. Enquanto o aspirante tenta alcançar esta culminação, esta sua prática se chama *Apara* ou *Gauni-Bhakti*, devoção preparatória. O *Bhakti Yoga* se ocupa de apresentar-nos os meios de lograr este amor Divino. A emoção é natural para o ser humano, mais ainda, os animais possuem [também] este sentimento. Isto pareceria uma declaração até poética, mas não é assim. Se observamos bem ao nosso redor podemos verificá-lo. Entre os animais que conhecemos bem nas cidades estão os gatos e cães. Sua cria nasce quase cega, dependem de suas mães para seu sustento e cuidado até que possam cuidar-se a si mesmos. Com que carinho as gatas cuidam da cria, não vemos isto? Os pássaros põem ovos, os chocam e quando nascem seus filhotes os alimentam até ficarem famintos eles próprios. Até as feras da selva fazem o mesmo e se diz que se tornam mais ferozes quando a fêmea tem sua cria. Assim vemos, portanto, que o sentimento de carinho ou amor é natural em toda a criação. Deus colocou esse amor na criação. Os *Upanishads* nos brindam uma ideia ainda mais elevada. Dizem, “Criando este universo, Deus entrou nele”, ou em outros termos, esta criação é Sua manifestação. Disse o *Bhagavad-Gita* também, “Ó Arjuna, Deus mora no coração de todas as criaturas”. É por isso que se sente amor por outros, mas devido a ignorância prende-se à forma exterior e nesse caso o amor se torna egoísta. Se o amado não retribui o amor, o amante sofre. Logo se cria nele a raiva, o ódio, etc. Swami Vivekananda, o grande discípulo de Sri Ramakrishna, classifica esse amor como de ‘compra e venda’. A maioria das pessoas que amam a Deus pertencem a esta classe. Rogam

³ *Karma Yoga*, palestra apresentada anteriormente.

a Deus pedindo-Lhe coisas que lhes falta ou querem desfrutar. Existe outra classe de pessoas que adoram a Deus por medo do castigo, já que havendo cometido erros graves ou pequenos Lhe pedem perdão. Mas isto não é devoção. Não existe amor por Deus no coração destas pessoas. Trataremos desse assunto detalhadamente mais adiante. Amar por causa do amor, isso é o que significa devoção verdadeira. O amor que não pede nada, senão que oferece tudo. Como podemos lograr esse amor? O homem comum só pode amar uma pessoa, a um Ideal personificado. Por mais que tente ter uma ideia impessoal de Deus, não pode concebê-la até que perca a ideia de que é o corpo, melhor dizendo, até que deixe de identificar-se com o corpo. Por conseguinte, é natural para o homem adorar a Deus Pessoal. Arjuna, o grande herói do *Mahabharata*, pergunta a Sri Krishna, “Ó Krishna, quem entre os dois, é o maior *yogui*: aquele devoto que sempre dedicado, Te adora, ou aquele que está dedicado ao Não-Manifestado, o Absoluto”⁴? Sri Krishna responde, “Sem dúvida, aquele que, submergindo sua mente em Mim, sempre dedicado, Me adora, tendo fé absoluta e suprema, segundo Meu parecer é o maior devoto”⁵. No entanto, aquele que dominando por completo os órgãos dos sentidos, tendo um olhar equânime sobre todas as coisas e ocupando-se de fazer o bem para todos os seres, adorando ao Imortal, o Não-Manifestado, Onipresente, também chega a Mim”⁶. Mas as dificuldades para este último são muitíssimas e este caminho ao Não-Manifestado é alcançado por esforços duríssimos”⁷. Os hindus consideram a Krishna como uma Encarnação Divina. Portanto devemos entender que quando ele disse ‘a Mim’ se refere a Deus, qualquer que seja o nome pelo qual O chamemos.

Portanto vemos que para ter devoção necessitamos de um Ideal. Devemos recordar aqui que a filosofia Vedanta, como no caso dos caminhos, e também no Ideal, não limita a nenhum em particular. Cada qual pode escolher seu Ideal, de acordo com a sociedade, religião e ambiente em que nasceu e crescido. Mas só adverte que não se odeie ou menospreze a nenhum Ideal. Certamente, o Ideal deve ser Deus ou Suas Encarnações. Disse Swami Vivekananda que as Encarnações Divinas manifestam em Suas vidas as qualidades mais elevadas em um grau de perfeição maior do que um homem comum pode conceber.

Uma vez escolhido esse Ideal, como devemos seguir esse caminho? Sri Ramakrishna disse, “Estabelece uma relação com Deus, com o Ideal, seja a de um servidor, de uma criança, de um amigo, ou de um amante [bem-amado]

⁴ *Bhagavad Gita*, XII, 1.

⁵ B.G., XII, 2.

⁶ B.G., XII, 3-4.

⁷ B.G., XII, 5.

considerando-O muito seu". Na realidade não há nada mais íntimo, mais querido para nós que Deus. As outras pessoas mudam suas atitudes conosco, quando não lhes convêm ou quando nos opomos a sua vontade. Aqui está a diferença. Quando uma pessoa ama a outra, sempre exige desta pessoa que esteja com ela, que se sente ou se levante de acordo com sua vontade ou desejo, que pense como ela o faz. Em resumo, deseja que esta pessoa seja como um escravo, esquecendo que tendo essa atitude, um se faz escravo do outro. Nesse amor não existe felicidade, não existe liberdade. O verdadeiro amor, pelo contrário, converte o homem em um ser bem-aventurado e ele não deseja nenhuma recompensa por seu amor. Narraremos aqui uma estória para ilustrar esse amor.

Yudhishthira, o irmão mais velho de Arjuna, certa vez perdeu seu reino em uma partida de xadrez em que foi ludibriado e foi exilado para o bosque junto com sua esposa e quatro irmãos. A esposa, que era uma princesa e que até o momento não tinha sentido nenhum incômodo, certo dia, padecendo de forma aguda de necessidades mínimas, ainda que ela mesma fosse uma devota, se zangou dizendo, "Tu que sempre pensas em Deus, que fez Ele por ti? Não tens nem mesmo um teto pra proteger-te das inclemências do clima." Então o rei respondeu, "Querida, eu não amo a Deus para que Ele proveja minhas necessidades, senão que é minha índole amá-LO. Vês a montanha Himalaia diante de ti? Eu a amo também por sua magnificência, por sua beleza, mas não espero nada dela. Do mesmo modo amo a Deus." Talvez pensemos que os hindus têm contos para tudo, mas que a vida diária é diferente e dura e que aqui estes contos não servem. Sem dúvida alguma, a vida diária de um homem comum é distinta dos contos, mas por outro lado, os que querem levar uma vida espiritual têm que ser algo diferente dos demais, têm que sacrificar muitas coisas que o homem comum desfruta. Pode perguntar-se, "É possível ter tanto amor por Deus?" Há pessoas ainda no mundo, mesmo que sejam muito poucas, para quem Deus é seu tudo. Narraremos aqui um episódio da vida de Sri Ramakrishna, a quem milhões de hindus consideram uma Encarnação Divina. Ele adorou a Deus como Mãe. Mas seu amor por Deus não era túbio. Houve um tempo em que, se passava um dia sem ter a visão da Divina Mãe, engendrava nele uma angústia insuportável. Ao final não podendo aguentar mais e querendo pôr fim a sua vida, apoderou-se da espada pendurada na parede do templo. De imediato, a Mãe apareceu diante dele. Ficou submerso na bem-aventurança desta visão Divina, inconsciente do que se passava ao seu redor durante três dias. Em seguida surgiu nele o desejo de ter constantemente a visão de Deus. Fez tantas austeridades e práticas que chegou um tempo em que não pode fechar os olhos durante meses, então, disse mais tarde a seus discípulos,

“Roguei a Mãe: ‘Mãe, é este o resultado que me brindas por entregar-me totalmente a Ti?’ Mas em seguida lhe disse, ‘Não importa o que aconteça ao corpo, mas não me tires o amor por Ti, nem soltes as minhas mãos.’” Claro, como dissemos há alguns momentos, pessoas como Sri Ramakrishna são mui, mui poucas e só vêm a Terra, talvez uma vez durante muitos séculos, para mostrar ao homem cético e agnóstico mediante sua própria vida que Deus existe e se pode aproximar e realizá-Lo. Mas há pessoas, ainda que não sejam de tão alta categoria, que amam a Deus por amor a Ele, sem esperar nenhuma recompensa. De que modo podemos amar a Deus? Uma pessoa ama a uma outra depois de ver-lhe e conhecer-lhe bem. Mas não vimos Deus. Para muitos Deus não é nada mais que uma palavra composta por quatro letras, D, E, U, S.

Como já dissemos, a ideia impessoal de Deus é incompreensível para a maioria da humanidade. Portanto devemos ter um Deus pessoal, como o Pai que está nos céus, ou sua Encarnação como Filho de Deus. Os hindus têm sua Encarnação Divina como Rama, Krishna, etc. Eles Os adoram em imagens, símbolos, etc. Não vamos dizer que colocar uma imagem sobre um altar e adorá-la é idolatria. Muitos de nós precisamos de algum símbolo, de alguma imagem que nos faça recordar a Deus. Ao fim e ao cabo, em que pensamos quando projetamos na mente a palavra Deus? Não imaginamos uma forma qualquer? Há muitas pessoas que necessitam de ajuda exterior para recordar a Deus. Que há de mal nisso? Talvez um incidente na vida de Swami Vivekananda explicaria esse assunto confuso. Durante suas viagens como monge errante, Swami Vivekananda foi a Alwar, um estado da Índia onde reinava um príncipe. O primeiro-ministro do estado ouviu sobre o Swami e o convidou a sua casa. Conhecendo-o melhor sentiu que o Swami seria um bom amparo para o Maharaja que havia adotado muitos costumes europeus. Portanto escreveu ao Maharaja, que naquela época se encontrava em um palácio, não muito longe dali, dizendo, ‘Um grande monge, com maravilhoso conhecimento de inglês está aqui’. No dia seguinte o Maharaja veio a casa do primeiro-ministro e se encontrou com o Swami e o saudou. Depois de algumas perguntas, o Maharaja disse, ‘Bem Swami, eu não tenho fé na adoração dos ídolos. O que vai acontecer comigo?’ Fez essa pergunta sorrindo, mostrando assim seu menosprezo por esse tipo de adoração. O Swami exclamou, ‘Na verdade, você fala brincando’. ‘Não Swami, na verdade não. Olhe, para dizer a verdade não posso adorar a madeira, a argila, a pedra ou metal como fazem os demais. Significa isso que algo mal me ocorrerá após a morte?’ O Swami respondeu, ‘Suponho que cada um deve seguir seu ideal religioso segundo sua própria fé’. Mas o Swami não havia terminado sua resposta. Seus olhos se fixaram em um retrato do Maharaja que estava pendurado na parede. Por seu pedido lhe foi entregue o retrato.

Tomando-o em suas mãos perguntou, 'De quem é este retrato?' O primeiro-ministro respondeu, 'É um retrato de nosso Maharaja'. Momentos depois todos os presentes tremeram de medo quando ouviram o Swami ordenar ao primeiro-ministro, 'Cuspa sobre o retrato, qualquer um de vocês pode cuspir sobre ele. O que é isso senão um pedaço de papel? Que objeção podem ter em fazer isso?' O primeiro-ministro ficou estupefato e todos olharam com terror para o príncipe e para o Swami alternativamente. Mas o Swami seguiu insistindo, 'Cusпам, cusпам!' O primeiro-ministro com temor e confusão exclamou, 'Swamiji, o que o senhor está me pedindo? Este é o retrato de nosso Maharaja, como posso cuspir sobre ele?' Disse o Swami, 'Mas o Maharaja não está presente corporeamente neste quadro, é unicamente um pedaço de papel. Não contém nem sua carne, nem seus ossos, nem seu sangue. Não fala, não atua nem se move como faz o Maharaja. E, no entanto, vocês se recusam em cuspir sobre isso. Por que? Por que vocês veem a sombra da forma de Maharaja, na realidade sentem que insultariam ao soberano, ao príncipe mesmo, cuspidando sobre o quadro'. Voltando-se para o Maharaja disse Swamiji, 'Olhe, ó Maharaja, ainda que este retrato em um sentido não é você, em outro sentido é você. Esta é a razão porque seus dedicados servidores ficaram tão perplexos quando lhes disse que cuspissem sobre ele. Tem uma sombra tua. Traz a ti a suas mentes. Um simples olhar a esse quadro lhes fazem recordar-te. Portanto o consideram com tanto respeito quanto fazem com sua própria pessoa. Assim também acontece com os devotos que adoram as imagens dos *devas* e *devis* feitas de pedra ou metal. Os devotos adoram a Deus na imagem devido a que trazem a suas mentes seu *Ishta*, seu Ideal escolhido e os ajudam a concentrar-se. Não adoram a pedra ou metal como tal. Viajei por muitos lugares, mas em nenhuma parte achei a um só hindu adorar a imagem dizendo, 'ó pedra, te adoro, ó metal, seja misericordioso comigo'. Cada qual adora, ó Maharaja, ao mesmo e único Deus, que é o Espírito Supremo, a Alma de Puro Conhecimento, e Deus aparece diante de cada um segundo seu entendimento e seu conceito dele. Ó príncipe, eu falei segundo o meu entendimento. Claro que não posso falar segundo o seu entendimento.' E o príncipe que esteve escutando lhe disse com muita reverência, 'Swamiji, devo admitir que segundo a luz que você jogou sobre a adoração das imagens, ainda não encontrei a ninguém que adore a pedra ou ao metal. Nunca antes entendi seu significado, você me abriu os olhos.'

Portanto, cada qual deve seguir seu modo de adorar a Deus sem desprezar o dos demais. Porque aquele que fomenta desprezo, ódio e coisas semelhantes, jamais alcançará a Deus. Deus é o Conhecimento Puro e Absoluto. E enquanto não se tenha esse Conhecimento, como se pode lograr Sua visão? O homem não logra esse Conhecimento fomentando em seu coração desprezo, ira,

inveja, ódio, etc., pois esses são produtos da ignorância. O sentimento de que uma pessoa é próxima e outra é afastada pertence a aquele que possui uma mente fechada. Mas para aquele que possui uma visão extensa, um caráter amplo, o mundo inteiro constitui sua família, expressa um ditado sânscrito. Retirando-se essas debilidades a mente se torna pura e na mente pura ou coração puro se reflete a imagem de Deus. Este é o significado das palavras de Jesus, “Bem-aventurados os puros de coração, pois eles verão a Deus”. Portanto devemos compreender que nada que nos conduza a Deus é vil ou inferior. Devemos seguir, cada um de nós, nosso caminho segundo nosso entendimento da vida espiritual, tendo ajuda de qualquer símbolo ou imagem, seja interno ou externo.

Um aspecto imprescindível na vida espiritual é a ajuda de um mestre, um *guru*. A maioria dos aspirantes necessitam de um *guru*, um guia. Isso é essencial para ele. A espiritualidade é como uma lamparina que se acende por meio de outra lamparina. É comunicada através de um *guru* iluminado, ou pelo menos que tenha em sua linhagem de mestres um ser iluminado, um ser que realizou a Deus. O grande mestre não-dualista Sri Shankara descreve assim ao *guru*, “Aquele que é conhecedor das escrituras, que não comete erros, nem é movido pelo desejo, conhecedor do Absoluto, estabelecido em Brahman, tranquilo como o fogo sem mais lenha para queimar, que é compassivo sem nenhum motivo, amigo de todos que se acercam, esse é o mestre verdadeiro”⁸. Vemos aqui que o *guru* não tem interesse próprio algum e, no entanto, está sempre disposto a ajudar aos que sinceramente se aproximam dele. Agora pode surgir a pergunta: ‘Por que necessitamos de um guia? Como se sabe, mesmo para estudar e conseguir conhecimento para as coisas materiais se necessita de um mestre que saiba bem a matéria. Do mesmo modo, para adestrar a mente na concentração, essa mente que espalhou toda sua energia por toda parte, faz falta um maestro que adquiriu o domínio sobre sua mente e que a entregou totalmente a Deus. Devemos advertir aqui que para ser um *guru* não basta apenas possuir o conhecimento das escrituras, senão também deve ter realizado seus ensinamentos ou pelo menos deve continuar praticando-os sem falha e de forma constante. Só assim o *guru* pode guiar aos demais tendo em conta as inclinações de cada um. Se não, ocorreria como dizem os *Upanishads*, “Como cegos que conduzem a outros cegos, cairiam no poço e dando voltas ali se considerariam felizes”. Não alcançariam a meta suprema, senão que sofreriam cada vez mais.

⁸ Vivekachudamani, verso 33.

II

É nossa experiência geral em todos os campos na vida que, existem certos fatores que nos ajudam em nossa jornada ou no logro de determinados objetivos, assim como existem outros elementos que nos impedem de consegui-los. De igual modo existem fatores que são favoráveis e outros desfavoráveis para o aspirante no campo espiritual. Tentamos dar uma ideia deles até agora. Mencionaremos agora alguns mais e explicaremos como os primeiros nos animam a prosseguir no caminho espiritual. Sabemos bem que a companhia de algumas pessoas nos agrada muito e a de outras nos repele ou nos desagrada. Se analisamos a razão disso, encontraremos que há certas qualidades nestas pessoas que gostamos e admiramos, ou as possuímos nós mesmos e nos sentimos felizes em sua companhia. Sri Ramakrishna aclara isso com um exemplo. Disse, “Se um animal estranho se aproxima de uma manada de vacas, logo o expulsam atacando-o por todo lado. Mas se tratando de uma vaca será bem recebida e se tornam amigas, lambendo-se mutuamente. Assim também, quando um devoto se encontra com outro, ambos experimentam grande deleite e não se sentem muito dispostos a se separar.” Por essa mesma razão, o aspirante espiritual deve procurar a companhia dos santos, pois as pessoas piedosas e santas sempre falam de Deus, meditam n’Ele e cantam Sua glória. Estando em sua companhia, a mente do aspirante também se dirige a Deus com muita facilidade, não lhe custa muito, pois a mente de um homem comum quase sempre busca coisas do mundo e, portanto, sente dificuldade em concentrá-la em Deus. Por mais que tente “levá-la pela mão” a Deus, por assim dizer, mais turbulenta a mente se torna. Por que acontece isso? Porque estivemos ocupados durante centenas de vidas, dizem os psicólogos da Índia, com as coisas do mundo e deixado sulcos profundos na mente, através dos quais ela está acostumada a ‘passar’, ou seja, a pensar. Assim como em qualquer novo esforço humano diferente do costume ou hábito estabelecido, se encontra uma veemente oposição, assim a mente se rebela quando queremos orientá-la. Não obstante, não precisamos desesperar-nos, pois até os maiores heróis do mundo tiveram que enfrentar situações similares. Por exemplo, no *Bhagavad-Gita* vemos a Arjuna dizer a Sri Krishna, “Encontro a mente muito inconstante e se agita de forma firme e incessante. Considero que dominá-la é tão difícil como subjugar o vento.”⁹ Sri Krishna responde, “Sem dúvida, ó tu de braços poderosos, a mente é indominável e inconstante, no entanto, ó filho de Kunti, é possível

⁹ Bhagavad-Gita, XI. 34.

controlá-la mediante a prática e o desapego”¹⁰. Nessa resposta encontramos mencionadas duas forças que podem submeter a mente a nossa vontade, que são a prática e o desapego. Se um homem pratica seus exercícios espirituais diária e ininterruptamente, logra o domínio da mente. Por certo ele também deve praticar o desapego. Para lograr esse desapego, não há nenhuma força mais poderosa que a companhia dos santos, pois neles se vê o espírito do desapego personificado. Já ouvimos mais de mil vezes que o ‘exemplo é melhor que o preceito’. Pois qualquer um pode pregar, fazer discursos brilhantes, dar conferências excelentes sobre a moral e a espiritualidade, mas se essa pessoa leva uma vida que não está em conformidade com suas prédicas, estas não produzirão nenhum efeito sobre o auditório. As pessoas o elogiarão e dirão que falou maravilhosamente, em seguida esquecerão tudo que escutaram. Enquanto que, umas poucas palavras de um santo, ainda que sejam pronunciadas em uma linguagem não tão brilhante, deixam suas marcas nas mentes de seus ouvintes e os modifica para melhor, apesar de si mesmos, sem se darem conta disso. Disse Sri Ramakrishna, “A companhia dos santos é como a água com que se lava o arroz. A água do arroz tem o poder de desvanecer a embriaguez (alcoólica). Do mesmo modo, a companhia dos devotos tira dos homens mundanos a embriaguez que lhe causa o vinho dos vários desejos”. Se pode perguntar, por que não acontece isso com todos os homens que veem um homem espiritual? Há muitos fatores que impedem aos homens de sentir sua influência. Em primeiro lugar estão as fortes tendências que o obrigam a desfrutar das coisas do mundo. Cada um de nós deve passar pelas experiências da vida e chegar à conclusão de que não há nada permanente aqui, que só Deus é nosso Pai, Mãe, Amigo e tudo; que só Ele não muda Sua atitude por nós, mesmo que O esqueçamos. Até então não surgirá em nossa mente a ideia de aproveitar nossa vida humana, a companhia dos santos e outras ajudas que estão ao nosso alcance. Para mostrar a verdade dessa declaração, relatamos o que Sri Ramakrishna observou durante sua permanência em Dakshineswar. Quando a fama do Templo de Kali em Dakshineswar como um lugar vivo com a presença Divina se espalhou por as partes de Calcutta, centenas de pessoas começaram a visitá-lo. Algumas foram lá movidas por curiosidade, outras para ver os edifícios e sua arquitetura e umas poucas mais afortunadas para ver ao santo que vivia ali. Às vezes estas últimas vinham acompanhadas por outras que não se interessavam ouvir as palavras, os cantos e os ensinamentos sobre Deus que fluíam constantemente dos lábios de Sri Ramakrishna. Ele disse com pesar e simpatia, “A esses homens mundanos não agradam as conversas religiosas,

¹⁰ Bhagavad-Gita, XI. 35.

ficam muito impacientes e intranquilos se outros falam de Deus e da vida espiritual. Até é difícil ficarem quietos e de vez em quando dizem ao ouvido aos seus amigos, 'Quando iremos, ficarão aqui muito tempo?' Seus amigos lhes respondem, 'Esperem um pouco, iremos daqui a pouco.' Essas pessoas mundanas dizem com desgosto, 'Continuem vocês com suas conversas, nós iremos e esperamos vocês no bote que nos levará a Calcutta.' Também dizem os *Upanishads*, "Há muitos que nem sequer chegam a ouvir em suas vidas algo sobre o Ser Supremo, muitos outros tendo ouvido sobre Ele, não O compreendem. Maravilhoso é aquele que expõe [sobre o Ser Supremo] e hábil é aquele que escuta. Raro, na verdade, é aquele que experimenta o Ser, ensinado por um preceptor competente". Que significa 'hábil' aqui? Neste caso se refere a habilidade de compreender os ensinamentos de um mestre espiritual e em seguida segui-los com intrepidez até lograr a meta. Em que consiste essa habilidade? Consiste em possuir uma preparação prévia, fazer bem ao mundo sem nenhum motivo, ter fé em Deus, rezar a Ele com afinho, etc. Além disso, assim como quando se está doente, não vai se consultar com um professor de Química, mas sim a um médico, do mesmo modo, para curar-nos da enfermidade mundanal, devemos nos aproximar de um homem espiritual, pois somente ele, tendo cruzado este oceano de mundanidade, conhecem os meios pelos quais nós também podemos fazer o mesmo.

O segundo elemento que obstaculiza o caminho espiritual do homem é seu orgulho pela erudição livresca. Ele pensa, "O que vou aprender de novo dos santos? Estudei todas as escrituras religiosas e sei tudo. Por acaso os santos sabem mais que as escrituras?" Este orgulho é muito prejudicial. É a maior barreira que o homem pode conceber. Isto não significa que o homem não deve ler e estudar as escrituras, senão que ao estudar todos os livros sagrados, ao mesmo tempo deve praticar pelo menos algo do que leu. Há um ditado sânscrito, "O conhecimento nos torna humildes e a humildade nos torna competentes." Competentes para receber a graça de Deus. Aonde se acumula a água? Não nos picos das montanhas, senão nas depressões e barrancos. Ao orgulho pode comparar-se com os picos das montanhas, a humildade com as depressões e as águas com a sabedoria religiosa. Um homem sábio nunca é orgulhoso, senão humilde, e esta é a razão dele não atrair nossa atenção.

A terceira causa de santos não influírem sobre todos, é que existem pessoas que não se interessam pela vida espiritual. Para dar um exemplo da vida moderna, o 'receptor de rádio' de sua vida não está sintonizado para receber as notícias do espiritual. Assim, vemos que não se pode culpar os santos ou Deus, se não se sente atraído pela vida religiosa. O homem tem o que merece. É nosso dever fazer esforços para que mereçamos a bem-aventurança da

companhia de um verdadeiro santo. Diz o *Bhagavata*, uma das escrituras sagradas dos hindus, “Para aqueles que estão por afogar-se neste terrível oceano do mundo, de nascimento e morte, o tranquilo santo conhecedor de Brahman, o Absoluto, constitui o lugar supremo de descanso, assim como um forte e invulnerável barco é o melhor refúgio para os náufragos”. O que ocorre em sua companhia? Como esses santos vivem num plano espiritual elevadíssimo, possuem e desfrutam da Paz e Bem-aventurança Suprema e irradiam essa paz ao seu redor e qualquer um que entre nesse âmbito com uma mente humilde, sentem essa paz e se esquecem de todos os transtornos e dificuldades momentaneamente. Mesmo as dúvidas sobre a veracidade da existência de Deus se desvanecem em sua presença. Em seguida se o homem conduz sua vida segundo o visto e ouvido do santo, chega a sentir esta paz cada vez mais.

Passaremos agora a outro fator sobre o qual os hindus põem ênfase, que é, *ahara* ou alimento. Dizem os *Upanishads*, “Quando o alimento que se ingere é puro, se purifica a natureza de sua mente. Na mente pura a concentração em Deus se torna firme e constante e, portanto, o homem consegue romper todas as correntes por completo”¹¹. Mas os comentadores das escrituras interpretaram de forma diferente esta passagem dos *Upanishads*. Alguns explicam a palavra *ahara* ou alimento, como aquilo que tomamos para nutrirnos fisicamente. Afirmam que a comida é impura devido a três causas a saber, primeiro a sua própria natureza, segundo, sua adulteração e terceiro, sua associação com pessoas impuras. Outra interpretação da palavra *ahara* segundo o grande não-dualista Shankara é que qualquer coisa que se absorve através dos sentidos de percepção e a mente é *ahara* ou alimento. Não há contradição entre essas duas interpretações, pois um devoto deve seguir as duas. Deve abster-se de comer qualquer coisa, em qualquer lugar e de qualquer pessoa, pois a mente, por ser uma substância material, ainda que sutil, é influenciada pelo alimento que se toma. Mas não devemos nos tornar fanáticos e gastar nossa vida na busca da origem e da associação da comida. Uma fórmula simples para os devotos será comer coisas feitas em casa.

Por outro lado, devemos cuidar-nos também do que absorvemos mediante nossos sentidos, os olhos, os ouvidos, etc., ou seja, o que lemos, vemos, ouvimos e também pensamos. Controlando a mente deste modo e dirigindo-a sempre ao Senhor, o devoto pouco a pouco rompe com as correntes do mundo. O importante é lograr a pureza da mente ou coração, sermos sinceros, sermos verazes. A veracidade constitui a austeridade para esta época. Não devemos mentir nem mesmo em brincadeira, pois aquele que pode dizer a verdade em

¹¹ *Chandogya-upanishad*, Verso 7.26.2.

todas as circunstâncias vence todo temor. Se transforma em um homem forte. Só um homem forte e firme de caráter pode alcançar a visão de Deus. Dizem os *Upanishads*, “Este *Atman* ou Ser Supremo, não é alcançado por um homem débil, nem se pode chegar a Ele pelo intelecto, nem lendo muitas escrituras. Só aquele sobre quem desce Sua graça pode alcançá-LO. A ele, o Senhor que é o mais íntimo do homem, se revela.” Aqui entra também a graça de Deus. Pode-se praticar durante milhares de vidas, mas se a graça de Deus não descende sobre ele, não logra Sua visão. Então pode surgir a pergunta, ‘Se é assim, por que devemos praticar na vida espiritual?’ Recordemos a estória do devoto a quem não lhe importou em nada ter que passar por centenas de milhares de vidas e ficou alegre ao ouvir que havia esperança mesmo para ele e notemos como ao continuar repetindo o santo nome de Deus, se liberou naquele mesmo momento. Portanto devemos continuar praticando; além disso à medida que avancemos no caminho espiritual, sentiremos maior gosto pelo santo nome de Deus e a companhia dos santos.

O devoto também deve cultivar certas qualidades; os mestres dessa escola de devoção ou *Bhakti* nos dão uma lista delas. As enumeramos aqui. Veracidade, sinceridade, fazer o bem aos demais sem ideia de recompensa, *ahimsa*, ou não causar dano a ninguém, nem fisicamente, nem por palavra, ou por pensamento; não cobiçar os bens dos demais, não pensar em ideias vãs e não pensar em dano sofrido, por culpa de seu semelhante; *anavasada*, não ceder ao cansaço; *anudharsa*, evitar o júbilo excessivo. Já tratamos de algumas dessas qualidades, agora necessitamos explicar o conceito de *ahimsa* ou não causar dano. Há pessoas que não causam danos ao seu semelhante, mas são cruéis com os animais; há outros que, pelo contrário, são compassivos e carinhosos com os animais e não prestam nenhuma atenção aos seres humanos, aos seus sofrimentos. Nenhuma das duas atitudes são boas. A prova de haver alcançado a atitude de não causar dano constitui a ausência de inveja ou ciúmes. Qualquer homem pode fazer um bom ato impulsivamente ou sob a pressão de alguma superstição, mas o verdadeiro amante da humanidade é aquele que não tem inveja de ninguém. Se pode ver que os chamados grandes homens do mundo têm inveja ou ciúme uns dos outros pelo renome, um pouco de fama, etc. Enquanto houver inveja ou ciúmes no coração, se está muito longe da perfeição em não fazer dano. O homem que não fomenta em seu coração a ideia de causar dano, que se regozija na prosperidade mesmo de seu maior inimigo é um verdadeiro devoto, ainda que viva comendo carne todos os dias, disse Swami Vivekananda. Portanto devemos saber que as práticas externas têm um valor somente como meios para lograr a pureza interna. Se deve evitar o júbilo excessivo, porque não permite que se pense em ideias sérias. Também reduz as

energias da mente. Quanto mais forte a vontade, menos cede às emoções. E a realização religiosa é possível só para aquele, cuja mente se mantém numa condição firme, cheia de paz e equilíbrio, enquanto que, este regozijo excessivo é tão prejudicial para a visão de Deus, como são prejudiciais a tristeza e a seriedade excessiva. Devemos advertir isso.

Outra prática que o devoto faz é a constante recordação de Deus. Se levanta da cama recordando-O, passa um bom tempo pensando n'Ele e quando vai trabalhar, repete Seu nome antes de começar suas tarefas diárias e uma vez terminadas, às oferece ao seu Ideal. Lhe oferece sua comida antes de comê-la. Desta maneira, sempre e incessantemente, leva a recordação de Deus consigo. Se deita repetindo Seu nome e devido a intensidade desse costume, nem no sonho esquece de Deus. O aspirante à vida espiritual deve tentar essa prática. A constante recordação de Deus não chega tão cedo, não é fácil. Enredados como estamos no mundo, a única coisa que escapa de nossa atenção é a recordação de Deus. Sempre recordamos as coisas que gostamos, que amamos, as que desejamos possuir. Ainda quando nos sentamos sozinhos para pensar em Deus a mente corre atrás dessas coisas, pensa nas maneiras de adquiri-las e faz planos para desfrutá-las. E o tempo que havíamos separado para concentrar nossa mente em Deus, se passa ruminando coisas transitórias. Esta constante recordação de Deus é igual a vê-LO, disse Swami Vivekananda. Esta é uma etapa elevadíssima em que não existe na mente do devoto outra ideia senão Deus. Nárada, um grande e antigo mestre da escola de devoção da Índia disse, "As características dessa devoção suprema são a consagração de todas as atividades mediante a entrega completa e o sentimento de extrema angústia em caso do esquecimento do Senhor". Devemos dar atenção às palavras 'todas as atividades'. Para aquele que se entrega totalmente a Deus, todas suas atividades são atos de devoção, cada ato tem seu próprio lugar na vida espiritual, pois a entrega total é outro fator para a aniquilação do ego e qualquer trabalho inegoísta¹² tem seu lugar na vida espiritual, já que leva pela mão ao aspirante até Deus.

A angústia extrema ao esquecer-se a Deus constitui outra indicação, outro signo desse amor puro. No entanto, não é possível para o homem de realização esquecer a Deus em nenhum momento. Há exemplos desse amor puro na história, em personagens como Jesus, no ocidente e Sri Chaitanya e recentemente Sri Ramakrishna na Índia. Eles não sabiam de nada, senão de Deus, viviam com Ele, comungavam com Ele, em suma, Deus era para eles tudo em tudo. Disse o mesmo sábio Nárada, "Eles transmitem santidade aos lugares

¹² O oposto da palavra egoísta, (neologismo), do espanhol inegoísta.

de peregrinação, constroem a montanha das boas ações e proporcionam autoridade as escrituras”. Sabemos bem como os lugares onde os santos e as Encarnações nasceram, passaram sua vida nesta terra ou predicaram Sua mensagem se transformam em lugares de peregrinação. Eles, com sua vida, deixam nesses lugares, vibrações espirituais para sempre e aqueles aspirantes que levaram uma vida espiritual, enquanto os visitam, as captam palpavelmente, dando-lhes um maior impulso à vida religiosa. Isso é o que significa transmitir a santidade a um lugar. As ações que foram e são executadas por santos são corretas e boas e por isso, seguindo seus passos, os demais também podem melhorar espiritualmente. Sri Krishna disse no *Bhagavad-Gita*, “Todos no mundo imitam as ações daqueles que são considerados seus líderes e qualquer trabalho que estes últimos façam é autêntico e o povo o segue.”¹³

Qual é o significado de conferir autoridade as escrituras sagradas? Para a maioria, as escrituras são só palavras, mas quando vemos os ensinamentos contidos nelas praticados por uma pessoa, sentimos que são certas e factíveis, que podem ser colocadas em prática e não podemos negar sua validade qualquer que seja a época ou país em que vivamos. Os santos demonstram, mediante sua vida, a total certeza das escrituras. Além disso, as escrituras sagradas da humanidade, não são nada mais que os dados e a crônica das realizações dos antigos sábios e para o homem comum podem parecer como impraticáveis numa determinada época. Mas quando ele vê aos santos personificarem os ensinamentos, se desvanecem suas dúvidas. Sri Ramakrishna disse a um jovem discípulo, que na época estudava muito a Vedanta, “Meu filho, ouço que estudas muito a Vedanta. O que diz a Vedanta? Só *Brahman* é real e o restante é irreal, transitório. Não é assim? Há algo mais? Então por que não tentas realizá-LO?” Em outra ocasião disse aos presentes diante dele, “De que serve o mero estudo das escrituras sagradas, se não se põe em prática o que elas dizem? Sem dúvida, elas nos proporcionam os métodos e as descrições das diferentes etapas pelas quais o aspirante passa no caminho espiritual. Mas para lograr os estados descritos nela, ele mesmo tem que trabalhar, praticar. É assim, um homem de uma cidade recebeu uma carta de seus familiares de sua aldeia natal. O homem perdeu a carta e depois de procurar muito a encontrou e a leu. Havia uma lista de mercadorias que eles necessitavam. Gravou em sua mente, jogou a carta fora e foi buscar as coisas mencionadas nela. Já não necessitava mais dessa carta. De igual modo, quando se conhece o conteúdo das escrituras, se deve praticar os ensinamentos até lograr a visão de Deus.”

¹³ Bhagavad-Gita, III.21.

Outro grande perigo para o devoto está em debater sobre Deus, as verdades espirituais ou o mérito comparativo dos santos. Cada um pode argumentar e re-argumentar a favor de qualquer filosofia ou teoria e aquele que possui o talento mais poderoso em discutir, ainda que não seja um homem de realização, pode vencer aos seus oponentes no momento e assim perturbar a fé destes. Por isso, o aspirante que segue o caminho da devoção deve evitar os debates. Por que? Depois de tudo, não se alcança nada por meros argumentos e discussões. Sri Shankara disse, “A rede das palavras é como uma grande selva e causa confusão na mente. Assim, mesmo a erudição dos pundits (eruditos) é só para desfrutar das coisas do mundo e não para conseguir a liberação.” Os que se ocupam em meras discussões e uso do raciocínio, sem praticar nada, buscam renome, fama ou dinheiro. Sri Ramakrishna costumava deixar claro qual deveria ser a atitude do devoto pela vida espiritual mediante este exemplo:

Uns homens entraram em um pomar de mangueiras. A maioria deles se detiveram em contar o número de árvores e os galhos e folhas que cada árvore tinha e ficaram discutindo sobre a que espécie pertenciam e coisas semelhantes. Enquanto isso, um deles foi visitar ao dono do pomar, fez amizade com ele, recolheu algumas mangas maduras e se sentou para comê-las. Quem entre eles foi o mais sábio? Por certo aquele que se nutriu comendo as mangas. Do mesmo modo, os eruditos só discutem sobre alguns versos ou palavras das escrituras, enquanto que o verdadeiro devoto pratica, realiza a Deus e desfruta da visão de Deus. Consequentemente não devemos desperdiçar nossa energia e tempo em argumentos inúteis e discussões, pois existem diversas opiniões e nenhuma opinião baseada sobre a mera razão é conclusiva em si mesma. Deixemos contar os galhos, folhas e árvores aos que gostam de divertir-se deste modo, nós iremos saborear a manga.

Agora iremos tratar de quais são as representações humanas do ideal Amor Divino. É impossível expressar a índole deste supremo e absoluto ideal de Amor na linguagem humana. Mesmo o voo elevadíssimo da imaginação humana se encontra incapaz de compreendê-lo em toda sua perfeição e beleza infinitas. Não obstante, os seguidores desta religião ou caminho de amor em suas formas superiores e mesmo nas inferiores de todos os países, sempre tiveram que utilizar a inadequada linguagem humana para compreender e definir seu próprio ideal de amor. Mais ainda, se fez ao mesmo amor humano, em todas suas variadas formas, representar este inexpressável amor divino. O homem pode pensar nas coisas divinas somente em seu próprio modo humano. Para nós, o absoluto pode ser expressado unicamente em nossa linguagem relativa, por conseguinte os devotos utilizam todos os termos comuns associados com o amor comum da humanidade, em relação com Deus e Sua

adoração através do amor. Alguns dos grandes autores hindus sobre o Amor Supremo tentaram compreender e sentir este Divino Amor em várias formas distintas. Geralmente se encontram nesses textos cinco formas, que são, *shanta* ou tranquila, *dasya*, como o amor de um servidor por seu amo, *sakya*, como o de um amigo por outro, *vatsalya*, como aquele de uma mãe por seu filho, *Madhurya*, como o de um amante por seu amado.

No primeiro tipo se pode incluir todo o amor que o homem sente por Deus como Pai ou Mãe. A maioria dos devotos seguem esse tipo de amor, cantando Suas glórias, repetindo Seu santo nome, mesclando-se com devotos de mesma inclinação e assim por diante. Quando o homem adora a Deus sem possuir o ardor do amor, sem a loucura de amar, quando seu amor é simplesmente calmo e comum, ainda que seja superior a mera execução de formalidades, rituais e cerimônias, isto é o que em sânscrito se chama *shanta*.

A segunda forma, *dasya*, constitui a atitude de um dedicado servidor por seu carinhoso Amo. O prazer de seu Amo é tudo que lhe importa, não pensa em suas próprias comodidades. De igual modo este devoto sempre está pronto para levar a cabo os mandatos do Senhor sem pensar nas dificuldades que vai enfrentar.

Sakya é a atitude para Deus como de um amigo. O amigo íntimo é aquele a quem abrimos nossos corações, revelamos nossos pensamentos mais recônditos, transtornos e defeitos secretos, sem temer que ele nos repreenda, já que, pelo contrário, nos ajudará em nossas dificuldades, em suprimir os defeitos e em endireitar os pensamentos. O universo constitui o campo de jogos de Deus. Do mesmo modo que mesmo os grandes reis ou homens têm seus esportes e jogos, para Deus esse universo é um jogo e todos nós somos Seus companheiros de jogo. Quando olhamos ao universo com essa atitude, nada nele pode perturbar-nos, pois então saberemos que tudo é um jogo e não tem nenhuma característica de realidade. Claro, lograr essa atitude é difícilimo, mas de outra maneira, todos os sofrimentos do mundo se tornarão insuportáveis.

Vatsalya, ou amor a Deus como filho, pode parecer estranho, mas constitui uma disciplina que nos capacita a separar todas as ideias de poder no conceito de Deus, pois a ideia de poder traz consigo a ideia de temor reverente. No amor não deve estar presente este temor. As ideias de reverência e obediência são necessárias para a formação do caráter, mas uma vez que se tenha formado o caráter e o devoto haja saboreado o amor tranquilo, então não necessita falar mais de disciplina e ética, disse Swami Vivekananda. **Pois aquele que logrou o verdadeiro amor a Deus, nunca dá um passo em falso.** Ao devoto dessa classe não lhe importa conceber a Deus como poderoso, majestoso e glorioso. É para evitar esse sentimento de temor que o amante adora a Deus

como se fosse seu Filho, pois sabemos bem que o pai ou a mãe não se comovem por temor de seu filho, não podem pensar em pedir-lhe algum favor. A posição do filho é sempre de recebedor e por amor a Ele os pais sacrificariam até suas vidas. Na Índia há mulheres que se consideram como mães de Krishna.

Madhurya, ou doce, é a manifestação mais elevada do amor neste mundo e a mais forte conhecida pelo ser humano. Qual amor sacode mais toda a natureza do homem, o torna louco, o transforma em um deus ou em um demônio, que o amor entre um homem e uma mulher? Nesta doce representação do amor Divino, Deus é nosso Esposo. Dizem os devotos dessa classe, “Todos nós somos Suas esposas, não há homens nesse mundo, existe só um homem e Ele é Deus, nosso Bem-amado”. Todo aquele amor que o homem sente pela mulher, ou a mulher pelo homem, deve ser dirigido ao Senhor. Por sua natureza, esse caminho do amor é mais fácil para a mulher do que para o homem, mas devemos advertir que por mais doce que essa classe de amor se torne no final, os sofrimentos devidos a separação de Deus são mais intensos e insuportáveis e só um ser humano forte fisicamente e de coração limpo, ou seja, que não tenha nenhum vestígio do desejo de desfrutar das coisas mundanas, o poderá suportar. Também existe o perigo de cair do caminho se não se é puro por completo e tornar-se muito mundano. Portanto um aspirante comum deve começar com a atitude tranquila, a primeira mencionada, e à medida que seus desejos se desvanecem e não sintam nenhum ódio, inveja ou ira, poderá passar para as atitudes mais e mais elevadas.

Dissemos que o Conhecimento Superior e o Amor Divino puríssimo têm uma semelhança. O seguidor do caminho do Conhecimento Superior deve conhecer a *Brahman*, ao Absoluto e apenas então terá logrado este conhecimento em que se submerge e realiza sua identidade com o Absoluto e vê a tudo como *Brahman*. O mesmo ocorre com aquele que logra o Amor Supremo, pois a definição dessa classe de amor segundo as escrituras de *Bhakti* é “o pensar ininterruptamente no Senhor, do mesmo modo que o azeite é derramado de uma vasilha para outra, cai como um fio sem interrupção”. Essa classe sempre firme de direção da mente e do coração a Deus, com apego inseparável a Ele, em verdade é a manifestação mais elevada do amor humano por Deus. Este aspirante não dará lugar em sua mente a outros pensamentos que aqueles relacionados com Deus. Assim vemos que quando o devoto logra o Amor Supremo, também se submerge sua mente em Deus, sempre se sente feliz e desfruta da paz suprema e vê em todos Deus manifestado. Portanto não há diferença no estado final dos dois caminhos, do Conhecimento e do Amor.

Tentamos dar-lhes uma ideia a respeito do *Bhakti Yoga*, citando os grandes mestres dessa escola. Concluimos com uma frase sânscrita, “Ó querido,

deve ver o *Atman*, ao Ser Supremo, para isso primeiro deve ouvir sobre Ele, em seguida pensar sobre o que foi ouvido, e depois meditar n'Ele". As escrituras hindus insistem em que se deve pensar se o que foi ouvido está conforme a razão ou não. E quando está conforme o raciocínio, deve praticar sem cessar até lograr a meta. Só escutar não dá resultado, só ler tampouco ajuda. Se necessita prática e quanto mais se pratica com anelo, mais cedo se logra a visão de Deus.

Adeus amigos.



*Este texto foi traduzido por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda, Santa Mãe e da Vedanta.

*Todas as notas de rodapé foram editadas por este estudante.